



Golpe de Estado: um entrave à democracia, o caso de África Ocidental

Wilson Pedro Té¹ • Agosto de 2014

Resumo:

A democracia surgiu nos anos 1990 como fator chave para estabilidade do continente africano e o desenvolvimento em diversas áreas. Na África Ocidental, essa esperança frustrou na primeira década dos anos de 1990, com início de golpes de Estado e guerras civis que estagnam o desenvolvimento democrático na região.

Palavras-chave: Golpe de Estado – Democracia - África Ocidental

Abstract:

Democracy emerged in the 1990s as a key factor for stability in Africa and development in several areas. In West Africa this expectation failed in the first decade of de 1990s with the beginning of coups and the civil wars that rotten democratic progress in the region.

Key words: Coup - Democracy - West Africa

¹ Licenciado em Direito, opção direito público (Université Africaine de Technologie et Management – GAZA FORMATION, Benin), membro do grupo de Estudo de Ciências Sociais Africanas de Universidade de São Paulo (USP), bolsista de CNPq. Contato: wilsonte165@hotmail.com.

As décadas de 1950 e 1960 foram particularmente importantes para o continente africano, pois a maioria dos países conquistou sua independência. Em 1960, por exemplo, 17 países² das colônias francesas e inglesas obtiveram a independência pelos acordos pacíficos. Pelo grande número de processos, formando mesmo uma onda de libertação africana, este ano ficou conhecido como ano de libertação da África³. Na África Ocidental, o processo de desconização iniciou em 1957⁴, com exceção da Libéria, concluindo-se em 1975 com a independência de Angola.

As ondas de libertação, no entanto, foram desfarçadas pela pandemia do século, golpes endêmicos regionais que parecem construir ao longo do tempo uma legitimidade factual nas sociedades africanas, devido à sua recorrência excessiva. Pior ainda, um estudo quantitativo sobre as mudanças nos governos de África nos últimos anos, deixa claro que mudanças feitas fora de normas constitucionais estão longe dos caminhos esperados pelos africanos. Este fenômeno de mudanças inconstitucionais traz graves problemas para um continente como a África, no qual poucos Estados experimentam alguma estabilidade política.

² Benin, Burkina Faso, Camarões, Costa do Marfim, Congo (RDC), Congo, Gabão, Gâmbia, Mauritânia, Madagascar, Mali, Niger, Nigéria, Senegal, Somália Tchad e Togo

³ DAUTRESME, Oliveira, in: http://www.cndp.fr/fileadmin/user_upload/POUR_MEMOI-RE/1960_anneedelafrique/1960_annee_de_lafrigue.pdf, acesso em 22/04/2014

⁴ Gana foi o primeiro país independente na África Ocidental, alias o primeiro na África Sub-Saariana

O uso de armas para chegar ao mais alto cargo nos países africanos não é prerrogativa do nosso século. O fenômeno apareceu após a independência, devido à crise de legitimidade observado nos Estados em que o processo de descolonização foi mal recebido⁵ por aqueles que lideraram Estados africanos na sus fases embrionárias. As características gerais revelam que os jovens Estados independentes herdaram a soberania instável, a dominação nacional como política de ajustamento estrutural e a má governação, tornaram-lhes fracos. Assim, o poder público é uma ficção, da qual todos querem se beneficiar, e o golpe de Estado é a forma natural de conquistar o poder.

Vários autores tentaram identificar uma definição universal do conceito de golpe de Estado. De acordo com Paul Leroy⁶, o golpe de Estado é uma mudança de governo fora dos procedimentos constitucionais, por ação, mesmo no interior do Estado, a seus funcionários ou agentes. Esta ação é súbita e, geralmente, procura força. De acordo com SOUARÉ (2007, p. 55), o golpe de Estado é um ataque ilegal ao mais alto nível de autoridade de um Estado por um pequeno número de oficiais militares em uma transação discreta que não excede alguns dias. Quan-

⁵ Muitos Estados africanos recorreram as armas para obterem as suas independências. Este fenômeno apareceu mais nos territórios de domínio português

⁶ LEROY, Paul, In: EPOH, Paul Serges Ntamack. La recrudescence des changements anticonstitutionnels en Afrique – quelle Analyse – pour quelle solutions?, 2009 in : <http://ci2iric.weebly.com/2/post/2009/03/la-recrudescence-des-changements-anticonstitutionnels-en-afrique-quelle-analyse-pour-quelles-solutions.html>, acesso em 05/03/2014

to à Madeleine Grawitz⁷, ela considera o golpe de Estado como um termo ambíguo usado para descrever uma tentativa de tomada de poder por uma minoria fora das regras constitucionais e sem a participação massiva da população.

A combinação destas três definições nos direciona a quatro critérios que sustentam o conceito de golpe: discricção, rapidez, patenteados e sobretudo, a não-conformidade com as normas constitucionais de nomeação de um Presidente. É nestes critérios que fica a distinção fundamental entre o golpe de Estado e o conflito armado não internacional, que requer um grande número de participantes, a maturação e a duração podem ser indefinidas, a revolução é popular e de massa.

No entanto, na África Ocidental, a independência foi negociada por alguns países, outros recorreram as armas para a conseguirem. De 1960 a 1990, golpe de Estado era a única forma para chegar ao poder. Durante 30 anos (1960-1990), a África conheceu mais de 267 golpes e tentativas de golpes (CISSE, 2009, p. 317). Em 1990, a democracia apareceu como solução dos golpes e instabilidades políticas da sub-região. Porém, desde 1990 a nossos dias, as instabilidades políticas e derramamentos de sangue continuam na África Ocidental.

Com base no que foi descrito acima, questiona-se, será que África Ocidental precisa ou está preparada para a democracia? Os dirigen-

tes africanos falharam ao adotar o multipartidarismo no início dos anos 90 para solucionar crises políticas da sub-região? Além disso, quais são as causas dos golpes de Estados na África Ocidental? São problemas étnicos?, rivalidades políticas? Ou intervenção estrangeira?

Este trabalho tem por objetivo, analisar a situação dos golpes de Estado na África Ocidental, com foco nos seus entraves na jovem democracia dos países da região. Serão analisados as prováveis razões da instauração da democracia na África Ocidental nos anos 90, a origem dos golpes e seus entraves na consolidação da democracia e no desenvolvimento desses dos países.

A virada democrática na África Ocidental

Entende-se por democracia aquele regime político que, a partir da garantia de um certo número de direitos humanos – como vida, livre expressão e livre associação, etc. –, respeita um conjunto de regras entre as quais a pluralidade partidária, a realização de eleições periódicas, a soberania popular e a aceitação da soberania popular e incerteza quanto aos resultados das discussões parlamentares e eleitorais (PRZEWORKI, 1984).

Segundo Bobbio [1986: 18], a democracia é “um conjunto de regras e procedimentos para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados”. Sendo mais exato, a democracia pode ser considerada como um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos.

⁷ GRAWITZ, Madeleine, In: EPOH, Paul Serges Ntamack. La recrudescence des changements anticonstitutionnels en Afrique – quelle Analyse – pour quelle solutions?, 2009 in : <http://ci2iric.weebly.com/2/post/2009/03/la-recrudescence-des-changements-anticonstitutionnels-en-afrique-que-elle-analyse-pour-quelles-solutions.html>, acesso em 05/03/2014

No entanto, nos países africanos após a independência, o poder político estava dominado por um partido único e sob comando de uma pessoa e cujo poder não se fundamentava na soberania popular representado pela sucessão periódica. Assim, eram regimes sem mudança nenhuma de chefes de Estado. A instauração deste regime autoritário foi intimamente ligada ao contexto do período da guerra fria a independência. Apesar dos seus não alinhamentos, a maioria dos países africanos pós colonial estavam ligados às antigas potências coloniais e mantiveram a dominação em suas áreas de influência. O exercício do poder desses líderes tinha como objetivo, salvaguardar os interesses dos antigos colonizadores. Nessas condições, qualquer reivindicação democrática era quase impossível de se concretizar e, assim, tomou a forma revolucionária inaceitável para os antigos poderes: A democracia era vista como perigo para a manutenção da influência exclusiva da elite que ocupava o poder, agora em seu próprio nome.

No entanto, essa tendência mudou no final da Guerra Fria, com o desaparecimento de dois blocos na geopolítica global. Esta perda de interesse sofrida, mergulhou a maioria dos líderes africanos em desordem e tendência para resistir às exigências políticas de seu povo. Porém é precisamente esse autoritarismo político quase institucionalizado de um passado não muito distante, que levou as populações a protestos que eram generalizados no início dos anos 90, que levou ao advento da democracia e também graças ao discurso de La Baule, em junho de 1990 do presidente francês François Mitterrand na 16ª conferência dos Chefes de Estado da França e dos países africanos. Discurso no qual ele afirmou :

haverá ajuda normal da França para os países africanos, é claro que essa ajuda será difícil para aqueles que se comportam de maneira mais autoritária, porém de entusiasmados para aqueles que lutarão com coragem, que direcionam para a democratização⁸

Estes movimentos de protesto, mesmo que fossem diferentes e amplitude de um país para outro na África Ocidental, levaram a rupturas, de reformas mais ou menos consensual concedidas pelos poderes enfraquecidos por protestos de rua e cujo alvo principal, o reconhecimento de multipartidarismo, a transmissão do poder e alargamento dos espaços de liberdade.

Em Burkina Faso por exemplo, o movimento “Basta” emergiu como um ator incontornável na mudança de política. A mobilização popular que gerou, este movimento sem dúvida, forçou o regime de Blaise Compaoré⁹ a incluir problemas do Estado de Direito e da democracia na sua agenda política (GUËYE, 2009, p. 8).

Além disso, a introdução do multipartidarismo na Constituição marfinense de 1960 nunca foi respeitada, e a Carta foi rasgada por manifestantes ligados ao líder de oposição, Laurent Gbagbo, em abril de 1990. As reivindicações visavam principalmente um encadramento constitucional da função do presidente da República e do estabelecimento de mecanismos para garantir a realização de eleições livres e democráticas.

⁸ (CHAMPIN, Cristophe. Afrique: état des lieux de la démocratie. In; <http://juliette.abandokwe.overblog.com/article-etat-des-lieux-de-la-democratie-en-afrique-49892108.html>, acesso em 4/03/2014

⁹ Blaise Compaoré é o presidente da República de Burkina Faso desde outubro de 1987 até hoje

É importante frisar que a transição para democrática na África não foi homogênea: houve diferentes modelos de transição e até ausência de modelo em alguns casos. Partindo de um estudo traçado pelo senegalês, Bubacar Sine, o diplomata cabo-verdiano, André Tolentino, agrupa as transições africanas em cinco modelos¹⁰, descritos a baixo.

- 1) Transição através da Conferência Nacional prévia ou modelo beninense: Benin, Mali e Níger;
- 2) Transição pela reforma do sistema existente, ou modelo cabo-verdiano: Burkina-Faso, Cabo-Verde e Senegal;
- 3) Transição anti-apartheid, ou modelo sul-africano: África do Sul;
- 4) Transição caótica: Argélia, Congo e Zaire;
- 5) Transição intermitente: Burundi, Libéria, Ruanda, Somália e Sudão.

No entanto, mesmo que o nível de democratização seja desigual, o sentimento no momento é que o Estado de Direito e a democracia é a “governança do povo pelo povo e para o povo”, segundo afirmou Péricles em sua oração fúnebre em homenagem aos heróis da guerra do Peloponeso. O enunciado tornou-se célebre após ser usado por Abraão Lincoln¹¹ no século XIX.

¹⁰ TOLENTINO, C. André. Subdesenvolvimento e Democracia na África. In: Ciclo de Debates: Direitos Humanos, Cidadania e Democracia. Praia, Cabo-Verde, Nov. 1997.

¹¹ Abraão Lincoln foi 16º presidente dos Estados Unidos da América, responsável pela resolução da Guerra Civil Americana e por muitas leis que favoreceram o fim da escravidão no solo estadunidense.

Nesse período, muitos países adotaram novas constituições através de Conferência Nacional (Benin) e referendo, instituindo ou estabelecendo princípios da democracia liberal respeitadora dos direitos humanos e das liberdades individuais, nas quais se prevê, na maioria das vezes, a presença e espaço para a oposição.

Assim, com o advento da democracia, esperava-se ver desaparecer golpes de Estado. Mas não foi o caso, ainda hoje, constatamos que a África, em especial sua porção Ocidental, sofre constante desestabilização política e social grave, principalmente devido à falta de visão de muitos líderes políticos do continente, ausência de alternância democrática do poder político, corrupção no aparelho de Estado, tráfico de armas, de drogas e de seres humanos. Desde a implantação da democracia, alguns países africanos continuam sendo vítimas de golpes tanto constitucionais e militares.

Além disso, o processo de democratização na sua realização se degenerou em guerras civis e conflitos. Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Libéria e Serra Leoa são exemplos. Da mesma forma, existem atualmente graves ameaças de violência em vários países - as agitações separatistas na região de Casamance¹², no Senegal desde 1982, a rebelião tuaregue no Mali e no Níger (que no momento tem sido reprimida) e problema do Delta do Níger, na Nigéria.

http://www.mensagenscomamor.com/frases_de_abraham_lincoln.htm, acesso em 21/03/2014

¹² Movimento da Forças Democráticas de Casamansa é um grupo que reivindicam do governo de Senegal a independência da região de Casamansa que fica situada no Sul de Senegal, tem fronteira com nordeste da Guiné-Bissau.

A instabilidade continua na África Ocidental caracteriza os países da região como frágeis (ADEJUMOBI, 2007). Quase todos os países já passaram por crises e instabilidade política. Alguns são vítimas de conflitos insolucionáveis (Costa do Marfim), outros comprometidos na busca da paz e instabilidade mas com muitas dificuldades e contam com apoio da comunidade internacional (Guiné-Bissau, Libéria e Serra Leoa), enquanto outros ainda estão sob o domínio de uma autocracia, com planos agarrado tenazmente ao poder (Burkina Faso, Gâmbia e Togo). Alguns fizeram progressos significativos no processo democrático e passaram com sucesso as eleições democráticas, com os partidos de oposição capazes de derrubar regimes políticos no poder e os líderes de processo democrático (Benin, Gana e Senegal).

Esta instabilidade política na África Ocidental, nos leva a perguntar se o presidente francês, Jacques Chirac¹³, não tinha razão quando afirmava que a “África não está pronto para a democracia”. Democracia não seria, portanto para os africanos? Ou seria particularmente uma ameaça para uma das instituições dos países africanos, força armada?

Ao fazer essa declaração, o presidente francês contrariou seu atecessor, François Mitterrand que no seu discurso na sementeira de França/África em junho de 1990, declarou apoio da França para os países africanos que querem democracia. Na realidade, África precisa da democracia. O ex-presidente marfinense, Laurent Gbagbo afirma que África precisa da democracia

devido a diversificação da sua sociedade composta por várias grupos étnicos e cada um dos grupos tem sua forma de organização. A única forma de escolher o representante que vai dirigir um país africano com essa variedade é a eleição e a eleição se faz através da instauração da democracia¹⁴.

O Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki Moon afirma que “embora a palavra democracia não foi mencionada na Carta da ONU, as Nações Unidas fazem mais do que qualquer outra organização para promover e fortalecer as instituições e práticas democráticas em todo o mundo. Devemos estar conscientes de uma tendência em algumas partes do mundo e estabelecer o valor profundo da democracia” (CISSE, 2009, p. 317). Ainda segundo mesmo autor, a experiência nos ensina que a democracia é essencial para completar nossos objetivos fundamentais da paz, direitos humanos e desenvolvimento.

No entanto, a democracias consolidadas não faz a guerra. Os direitos humanos e o Estado de direito são melhor protegidos em sociedades democráticas. O desenvolvimento é mais suscetível de criar raízes, se as pessoas podem realmente expressar como são geridos e compartilhar os frutos do progresso. Alguns analistas políticas africanas afirmam que nenhum país africano vive a democracia, o regime adotado pelos países africanos no início dos anos 90 é a ditadura modernizada, não a democracia. No entanto, quais são os motivos de não consolidação da democracia na África Ocidental?

¹³ (CHAMPIN, Cristophe. Afrique: état des lieux de la démocratie. In; <http://juliette.abandokwe.overblog.com/article-etat-des-lieux-de-la-democratie-en-afrique-49892108.html>, acesso em 4/03/2014

¹⁴ O ex-presidente da Costa de Marfim, Laurent Gbagbo (2000 – 2010) defendendo sua acusação no Tribunal penal internacional, in: <http://www.youtube.com/watch?v=ktY17fwT498#aid=P8Rmz2WrQrw>, acesso em 11/03/2014

Vários motivos podem ser expostos como entraves na consolidação do processo democrático oeste africano. Hoje, vive-se na África Ocidental um pessimismo generalizado em relação às chances de haver realmente uma verdadeira consolidação do regime democrático na região. Este fato deve-se a razões de cunho político, econômico e cultural.

No que diz respeito às razões políticas, a verdade é que uma das dificuldades de consolidação democrática das novas democracias está no fato dos líderes dessas novas democracias e da elite delas, de uma forma geral, não terem a consciência do seu papel social para levar a consolidação. Eles acreditam que o fato de o governo ter sido eleito democraticamente já é uma prova de que o regime é democrático (WEFFORT, p. 1989). Nesse sentido, O'donnell afirma que, o fato de eleitores terem eleito um governo pela via democrática não garante automaticamente que esse governo irá fazer transição para a consolidação democrática (O'DONNELL, 1991, p. 26). Deste modo, após a transição para o regime democrático, três cenários podem aparecer. Primeiro, em alguns casos as novas democracias regredem para um novo autoritarismo; em segundo, o regime não avança para a consolidação e cai numa situação frágil e incerta (Guiné-Bissau e Costa do Marfim) e, por último, o regime consegue se consolidar (ÉVORA, 2001).

Na África Ocidental existem vários casos em que, após a realização das eleições livres e democráticas, os regimes regrediram para sistemas autoritários ou estagnaram-se. Um caso concreto da regressão na África Ocidental ocorreu na Costa do Marfim após a morte de Félix Houphouët-Boigny e a subida do poder de Henri Konan Bédié, que instaurou o conceito de "ivoirité" para impedir o seu principal rival, Alas-

sane Dramane Ouattara de candidatar as eleições. Outro caso é Burkina Faso, o presidente Blaise Compaoré após ter assassinado Thomaz Sancarra em outubro de 1987, ficou no poder até hoje, com as sucessivas vitórias nas eleições e neutralizou seus opositores.

Além das razões políticas acima descritas existem razões culturais e econômicas que contribuem para a dificuldade na consolidação democrática na África. Neste sentido, Tarsis¹⁵ argumenta que a existência de muitas etnias e de uma pluralidade cultural tem dificultado a defesa de uma comunidade política baseada numa unidade nacional. Muitos países africanos pelo fato de agregarem mais de uma nacionalidade, mais de uma raça, mais de uma cultura e também religião, ainda tentam resolver a definição de Estado Nação. ÉVORA (1991, p. 28). No que diz respeito às razões econômicas, o fato é que os Estados africanos não foram capazes de promover o bem-estar coletivo à população, como também se mostraram incapazes de proporcionar desenvolvimento e crescimento de uma economia autônoma e eficiente. Na verdade a escolha de um modelo de desenvolvimento econômico baseado na centralização e na planificação estatal criou obstáculos para o desenvolvimento de uma economia privada forte, e isto tem atrapalhado a construção da democracia no continente africano (FLANARY, 1998, p. 184)

Além de fator interno, a maioria dos conflitos na África tem intervenção estrangeira com interesse econômico. Após a independência, Angola viveu um longo período de guerra civil devido a intervenção dos Estados Unidos de

¹⁵ Discurso do Professor Tarsis da Uganda no II Fórum Global Democrático para Século XXI, realizado em Brasília em maio de 2000.

América, apoiando a UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola), liderado pelo Dr. Jonas Savimbi e da Rússia, apoiando MPLA (Movimento Popular para Libertação de Angola), liderado pelo então presidente José Eduardo Santos. A intervenção dos dois blocos, tinha como alvo principal, a matéria-prima angolana: ouro, petróleo, diamante.

A intervenção da França na Costa do Marfim em 2011 visava pôr fim o regime de Laurent Gbagbo e a instalação de Alassane Dramane Ouattara, o aliado da França e das Nações Unidas. Pela primeira vez, assistimos na África Ocidental apoio da Comunidade Internacional aos rebeldes. O objetivo principal, era para acabar com o regime que não favorecia os seus interesses. Na tomada de posse de Alassane Dramane Ouattara, presidente eleito pela comunidade internacional, o próprio Ban Ki Moon deslocou a Costa de Marfim para assistir a cerimônia, o que nunca aconteceu desde início da democracia na África Ocidental. Além disso, o caso da Líbia foi exemplo claro dos interesses do ocidente e da comunidade internacional na economia africana. O petróleo líbio foi cobiçado pelo ocidente e a única forma de alcançá-lo era de acabar com o guia líbio, Muamar Kadafi.

Um outro fator relevante no que diz respeito às dificuldades de consolidação democrática na África está relacionado com a sociedade civil organizada. Apesar das conquistas obtidas pela sociedade civil em vários países africanos durante o processo de abertura política, as organizações da sociedade civil continuam sendo coagidas pelos governos. Em muitos países africanos os governos continuam a controlar as associações civis e, em muitos casos, organizações da sociedade civil, como sindicatos, continuam sendo marginalizados. No entanto, é importante

ressaltar que apesar das pressões de alguns governos africanos, as organizações da sociedade civil, em particular o setor das ONG's, vêm crescendo significativamente na África. Deste modo, acredita-se que o desenvolvimento sem precedentes da sociedade civil é um fator-chave da renovação política africana no momento presente (GYMAH-BOADI, 2001, p. 137).

Para Linz e Stepan a democracia considera-se consolidada de forma a ser a única regra do jogo quando cinco condições são articuladas, a saber: 1) sociedade civil livre e ativa; 2) relativa autonomia da sociedade política; 3) respeito efetivo da lei por todos os atores sociais; 4) administração pública eficaz e 5) economia diversificada (TOLENTINO, 1997, p. 168). Partindo dessa visão, pode-se afirmar que a democracia na África Ocidental ainda não se encontra consolidada, uma vez que as cinco condições acima descritas não estão bem articuladas.

Na verdade, o que ocorre no África Ocidental é que muitos países são considerados democráticos pelo simples fato de terem realizado eleições multipartidárias. A democracia Oeste-africana acabou por adquirir a sua própria peculiaridade. Deste modo, na maioria dos países desta região perdeu-se de vista toda a relação de cumplicidade social e vivência necessária para concretude da democracia, que passa pela realização de reformas societárias que se impõem e que ultrapassam o campo político para atingir todos os domínios sociais.

No entanto, além dos fatos acima apresentados como handicap para democracia na região Oeste-Africana, o maior impacto no entrave a democracia na África Ocidental é ações dos militares.

Golpes de Estado na África Ocidental

O contexto do processo democrático na África, no início dos anos 1990, foi excepcionalmente favorável à instauração de novos regimes políticos. De fato, naquele momento, a mutação da paisagem institucional oeste africana é impressionante porque oficialmente Estados abandonaram uns aos outros, os sistemas baseados no monopartidarismo de direito ou de fato, a falta de liberdades elementares e a rejeição do princípio da alternância em favor de novos regimes pluralistas. É no quadro institucional e político renovado que a democracia foi se instalando gradualmente na África Ocidental.

Na África Ocidental, os presidentes todos poderosos foram obrigados a deixar antigas potências, sobretudo a ex-URSS, fortemente ligada com os países africanos durante a guerra fria. Na melhor das hipóteses, eles deixaram seus assentos após eleições democráticas (por exemplo, Aristides Pereira em Cabo Verde em 1991) ou ainda através de conferências nacionais (Mathieu Kerekou no Benin, 1990, Ali Saibou no Níger, 1991-1993) e, às vezes são os militares que desempenham função de árbitros, forçando os ditadores a deixarem o poder para permitir a realização das eleições livres (Amadou Toumani Touré no Mali).

No entanto, se alguns acreditavam que a introdução da democracia seria o único meio de acesso à presidência e o fim de golpes de Estado, o entusiasmo durou pouco. Já primeira metade dos anos 1990, apesar do contexto favorável ao desenvolvimento de regimes democráticos, a África enfrenta hoje uma sucessão regressiva da democracia, particularmente na África Central e na

região dos Grandes Lagos, mas também principalmente na África Ocidental.

Em setembro de 1990, na Libéria, as tropas do Príncipe Johnson assassinaram o presidente Samuel Doe. O país foi, em seguida, abalado por duas guerras civis e atrocidades cometidas sob o regime do presidente Charles Taylor, e por ele mesmo. A guerra civil na Libéria durou 14 anos (1989 – 2003), tendo como saldo mais de 300.000 mortos. Muitos liberianos refugiaram-se nos países vizinhos, muitos não regressaram, muitas crianças ficaram sem pais, muitas mulheres foram violadas¹⁶. Por causa dessa guerra, o país ficou parado 14 anos até a realização das eleições em 2003, que levou a presidente Ellen Johnson Sirleaf ao poder.

Em março de 1991, a Serra Leoa conheceu a sua primeira e única guerra civil até então, um dos conflitos mais sangrentos na África após o genocídio ruandês. Um ano depois, apesar da instauração da democracia, ela sofreu um golpe de Estado, o primeiro de um longo percurso, que terminou com a restauração do país através das eleições presidenciais em 1996, que levou Ahmad Tejan Kabbah ao poder. Um ano depois, em 1997, ele também foi vítima de um golpe de Estado e forçado ao exílio em Guiné Conacri. Ele fugiu para Guiné Conacri e governou o país no exílio até 1998, quando foi restituído com o

¹⁶ <http://forumsocialportoalegre.com/escola-de-bambu-salva-criancas-da-exclusao-na-liberia/>, acesso em 17/03/2014

apoio das Forças da África Ocidental¹⁷ (ECOMOG)¹⁸.

Em 2002, foi reeleito e conseguiu colocar fim ao conflito que deixou 50 mil mortos em uma década. O governo de Serra Leoa decretou uma semana de luto oficial pela morte do ex-presidente, que foi classificada como uma perda irreparável¹⁹.

Em janeiro de 1996, no Níger, o coronel Ibrahim Baré Maïnassara derrubou o presidente Mahamane Ousmane, o primeiro presidente democraticamente eleito. Ele foi assassinado por seu guarda-costas em abril de 1999. Em 5 de agosto de 2002, houve tentativa de golpe de Estado contra presidente eleito Mamadou Tandja. Essa tentativa falhou e o presidente ficou no poder até em 2010, quando foi deposto pelos militares, através de um golpe de Estado. Mas, em seguida, devolveram o governo aos civis.

No entanto, durante muitos anos a Costa do Marfim foi considerada um caso de sucesso da transição do período colonial para a independência. A maturidade de que deu provas parecia

justificar os ventos da vitória que assolaram África a partir dos finais dos anos 50. Tido como a “jóia da coroa” entre as ex-colônias francesas, o país conheceu um longo período de estabilidade política e de progresso económico, unanimemente considerados como resultado do exercício de um poder inteligente e integrador por parte do Presidente Houphouët-Boigny²⁰.

Em 24 de dezembro de 1999, após 39 anos de instabilidade política, a Costa do Marfim conheceu seu primeiro golpe militar que levou general Guei ao poder, seguida pela eclosão da rebelião armada em 19 setembro de 2002, que resultou na partição do território em dois. O país iniciou o período de nem a guerra, nem a paz.

Esse quadro de instabilidade teve início após a morte do Presidente Félix Houphouët-Boigny, em dezembro de 1993. A sua sucessão foi mal recebida devido a luta pelo poder de Henri Konan Bédié, então presidente de Assembleia Nacional Popular, legitimamente reconhecido pela Constituição em caso da ausência do presidente da República e Alassane Dramane Ouattara, então primeiro ministro. Para neutralizar o seu principal rival Alassane Ouattara, o presidente Bédié introduziu o conceito de “Ivoirité”²¹ que contribuiu grandemente para essa conflitualidade.

¹⁷ http://www.sierraleone.org/Ahmad_Tejan_Kabbah.html, acesso em 17/03/2014

¹⁸ Economic Community of West-African States Monitoring Group (Inglês), la Force Armée de la Communauté Économiques des État d’Afrique de l’Ouest (Franês), Força da Comunidade Económica dos países da África Ocidental (CEDEAO), foi criada em 1990 quando iniciou a guerra civil na Libéria. Ela tem como missão, manter a paz nos países membros da CEDEAO, é gerida pela Nigéria. <http://www.france24.com/fr/20101228-ecomog-bras-arme-cedeao-cote-ivoire-nigeria/>, acesso em 16/03/2014

¹⁹ <http://bandnewstv.band.uol.com.br/noticias/conteudo.asp?ID=706887>, acesso em 17/03/2014

²⁰ MONTEIRO, António. Costa do Marfim: um caso de ameaça à instabilidade regional e a segurança internacional. In: http://www.ipri.pt/eventos/pdf/FLAD05_AMonteiro.pdf, acesso em 19/03/2014

²¹ O presidente Bédié introduziu o conceito de “ivoirite” para impedir o seu principal rival, Alassane Ouattara cujo pai era burkinabé (Burkina Faso), de apresentar as eleições. O general Robert Guei deu golpe, alegando que o conceito de ivoirite dividiu os marfinenses, porém ao assumir o poder, continuou com esse conceito e talvez mais graves porque não só impediu a

O conceito de “Ivoirité” devidiu o povo marfinense em dois grupos: os chamados *étrangères* e os auto-aclamados costa-marfinenses de “sangue-puro” (KIRWIN, p. 2006). Aqui podemos verificar claro o papel da etnicidade na política africana. Tendo isso como justificativa, o general Robert Guei deu golpe de Estado em 1999 e afastou o Bedié do poder. Esse acantecimento deu origem os outros acontecimento; guerra civil em 2002 e de novo em 2011. A última guerra teve a intervenção da França e da ONU a favor do candidato da oposição Alassane Ouattara. O regime do então presidente Laurent Gbagbo terminou no dia 11 de abril de 2011 quando foi detido no palácio presidencial e está sendo julgado no Tribunal Penal Internacional (TPI) em Haya. Atualmente o país está no processo de reconciliação e reconstrução mas com muitas dificuldades devidos as marcas deixadas pelo longo periodo de instabilidade e até agora está em curso.

Na Guiné-Bissau, Amilcar Cabral iniciou a luta de libertação nacional com o objetivo de libertar os guineenses e caboverdianos. Infelizmente, ele foi assassinado no dia 20 de janeiro de 1973 na Guiné Conacri pelos guineenses, sem ver o triunfo da sua iniciativa, o fim da guerra.

Depois da independência em 24 de setembro de 1973, reconhecida por Portugal em 10 de setembro de 1974, o país nunca teve uma vida política estável. Na década de 1990, a exemplo de outros países, foi introduzida a democracia. Ela era visto como a solução para a instabilidade vivida durante muito tempo. Mas

candidatura de Alassane Ouattara mas também do ex-presidente Bedié. O seu único rival nas eleições de 2000 foi o opositor histórico, Laurent Gbagbo, que acabara por ganhar as eleições, em seguida, o proprio General Guei foi assassinado com toda sua família.

afinal o país estava iniciando o pior momento da sua história. Depois de primeiras eleições legislativas e presidenciais, a pátria de Amilcar Cabral mergulhou numa guerra civil que teve inicio em 7 de junho de 1998. A guerra durou 11 meses, terminou com o fim do então presidente João Bernardo Vieira (NINO), que exilou em Portugal meses depois.

As consequências da guerra foram desastrosas; muitas pessoas morreram, famílias sem alojamento, instabilidade política intensificou mais depois da guerra com assassinos constantes das chefias militares e membros dos governos.

Em 14 setembro de 2003, o general Virissimo Correia Seabra derrubou Kumba Yalá, o presidente eleito de forma democrática pelo povo na segunda eleições presidenciais do país. Ele mesmo (Virissimo) foi assassinado um ano depois. Em março de 2009, o chefe de estado major das forças armadas (Batista Tagme na Waie) e o presidente da república João Bernardo Vieira) eleito pelo povo, foram assassinado através de um golpe de Estado. Dois anos depois, em 2011, Carlos Gomes jr, o então primeiro ministro eleito e Raimundo Perreira, o presidente da República interino foram depostos do poder pelo golpe de Estado.

No entanto, pode-se questionar assim: qual é o principal problema que originou a instabilidade política nesse pequeno país durante 40 anos?

Para responder essa pergunta, acabaria falando só da Guiné-Bissau, fuzindo do foco que é África Ocidental. Nesse pequeno país de 1,6 milhões de habitantes, parece que a comunidade internacional está incapaz para solucionar a instabilidade política que já durou vários anos e sem

nenhuma expectativa de encontrar soluções. A verdade é que além das causas internas da instabilidade políticas, existem causas externas. As causas externas podem ser notadas nas divergências da Comunidade Económica dos Países da África Ocidental (CEDEAO)²² sob a influência da Nigéria, Senegal, Costa do Marfim e Burkina Faso e da Comunidade dos Países da Língua Oficial Portuguesa (CPLP) sob a influência de Portugal e Angola [Rapport Afrique: 2012]. É de salientar que desde sua independência (1994) até os nossos dias, nenhum presidente eleito terminou seu mandato.

Em 22 de dezembro de 2008, após 24 anos no poder, o Presidente Lansana Conté da Guiné Conacri morre. Ele foi imediatamente substituído pela junta militar liderada pelo capitão Moussa Dadis Camara. Durante esse período, o país registrou índice negativo de direitos humanos, torturas e violência aumentaram. Dadis Camara foi afastado do poder meses depois através de uma tentativa de assassinato perpetrado pela sua segurança pessoal. É de salientar que a Guiné Conacri foi o segundo país a ser independente na África Subsariana mas só realizou as primeiras eleições em 2010²³, após 52 anos de independência.

Depois da conquista da independência, a República de Dhomey (atual Benin) foi caracte-

rizado como país de golpe de Estado durante 30 anos (1960-1990). No entanto, desde a conferência nacional que instaurado a democracia na época do presidente Mathieu Kérékou até a data atual, Benin não conheceu nenhum golpe ou tentativa de golpe de Estado. Existem divergência política e crise institucional mas até então, golpe foi deixado ao lado.

Além do Benin, Senegal e Cabo Verde são considerados países com mais estabilidade política na região. Após a independência em 1975, a instauração da democracia na década de 90, até a data atual, Cabo Verde nunca conheceu golpe ou tentativa de golpe de Estado. Senegal teve primeira tentativa de golpe de Estado dois anos depois da independência perpetrado por Primeiro Ministro Mamadou Dia sob regime do presidente Léopold Sédar Senghor. Após a introdução da democracia, nenhum sinal de golpe foi ouvido no Senegal. Apesar de ser estável a nível político, o sul do país está enfrentando graves problemas com o Movimento Independentista de Casamaça, esse problema perdurou até hoje.

No entanto, um outro país considerado tranquilo na região é a República do Gana (antiga Costa do Ouro). Após a independência, vários problemas políticos, golpe de Estado, tentativas de golpe e de assassinato. Porém a instauração do multipartidarismo em 1992, Gana está testemunhando um bom exemplo da democracia.

Em Gâmbia, a democracia é considerada dúvidosa por muitos analistas. A 17 anos no poder (1994-2011), o presidente Yahya Jammeh foi eleito em 2011 pelo quarto mandato consecutivo de 5 anos²⁴. A democracia nesse país é

²² CEDEAO foi criada em maio de 1975 e, inicialmente, estava voltada para a promoção do comércio, da cooperação e auto-suficiência na África Ocidental, como um meio para a integração e o desenvolvimento econômico. O seu mandato foi depois progressivamente alargado a objetivos políticos, econômicos e de segurança mais ambiciosos.

²³ Eleições na Guiné Conacri, In: <http://pt.euronews.com/tag/guine-conacri/>, acesso em 20/03/2014.

²⁴ <http://oglobo.globo.com/mundo/na-onu-presidente-da-gambia-diz-que-homossexualidade->

semelhante a do partido único, o país está sob controle de uma pessoa durante muitos, a oposição foi esmagada, não existe a liberdade de expressão.

Em Burkina Faso e Togo, os dois países têm uma democracia singular. A democracia desses países não cresce porque o poder está responsabilidade de uma pessoa, com sucessivas vitórias nas eleições (Blaise Compaoré no comando de Burkina Faso desde 1987) ou através de transmissão do poder de pai para o filho com o monopólio das forças armadas (Togo). O Coronel Etienne Gnassingbé Eyadema chegou o poder em 1967 através de um golpe de Estado. Ele permaneceu no poder até a sua morte em 5 de fevereiro de 2005 e foi substituído por seu filho Faure Gnassingbé que está no poder até hoje.

No Mali, desde a tomada da independência em 1960, o país viveu a instabilidade política até hoje. Além das golpes perpetrados no seio do Estado, existe o rebeldes tuarégues no norte, o que desde a independência até nos nossos dias, está sendo calcanhar de Aquiles para a estabilidade do país. Com a democratização do país em janeiro de 1992, esperava ver o desaparecimento de golpes e um acordo definitiva de paz com os rebeldes, mas isso não aconteceu. Em 1993, já na era democrática, teve a primeira tentativa de golpe dirigido pelo coronel Oumar Diallo, um ano depois iniciou a guerra com os rebeldes que só terminou em 1995. Em 2006, novo ataque de “Alliance Démocratique pour le changement” (ADC), esse ataque marca o início de uma nova guerra do governo maliano e os rebeldes tuarégues no norte.

No entanto, Mali está cada vez se tornando uma ameaça para segurança regional como a Guiné-Bissau e Costa do Marfim. Em 22 de março de 2012, deu-se último golpe no Mali, que pôs fim o mandato do presidente Amadou Toumani Touré (10 anos no poder), seguido de ocupação do norte do país por grupos rebeldes islâmicos e tuarégues. Depois de muitos confrontamentos, os soldados franceses, malianos e de outros países da África Ocidental recuperaram o norte²⁵.

No entanto, a Nigéria é considerada um dos países mais instável da região devido vários crimes perpetrados dentro e fora do seu território. Desde a independência, passando pela instauração da democracia, a Nigéria nunca teve uma estabilidade sólida. O país conheceu vários golpes de Estado, problemas étnicas, religioso e crime organizado ao longo do seu percurso histórico. O país com maior impacto econômico da CEDEAO, a Nigéria é o país mais populoso da África e representa mais da metade da população da África Ocidental (162 milhões, num total de 307 milhões da população da Sub-região).

Outro fenômeno que ameaçador da democracia Oeste africana é o tráfico de drogas. No entanto, a África Ocidental tornou-se partir de 2004, uma importante área de trânsito para o tráfico de droga destinado para o mercado europeu. Entre 2005 e 2007, as apreensões têm aumentado na África Ocidental e nas suas costas. Porém a maioria dos traficantes de drogas presos nas fronteiras dos Estados da África Ocidental são da nacionalidade nigeriana.

uma-das-maiores-ameacas-globais-10178621, acesso em 20/03/2014

²⁵ <http://www.dw.de/golpe-de-estado-no-mali-foi-h%C3%A1-um-ano/a-16686910>, acesso em 20/03/2014

É interessante salientar que apesar das instabilidades do país, a economia nigeriana é uma das mais forte da África. A Nigéria faz parte dos 5 países que bancam os 75% do orçamento da União Africana (ESCOSTEGUY, 2011). Além disso, foi o primeiro país africano a pagar as suas dívidas externas no Clube de Paris.

No entanto, com base no que foi descrito, a instabilidade contínua, sustentada pelos sucessivos golpes perpetrados na região torna a democracia estagnada. Se a democracia é para servir o povo e tem como base os cinco fundamentos descritos acima, a África Ocidental ainda está longe desses fundamentos porque as elites e o militares da sub-região não entenderam que na democracia, a única forma para chegar no poder é através das urnas e as forças armadas estão subordinado ao poder político e sabem as suas funções.

Considerações Finais

Os povos africanos receberam o fim da colonização com entusiasmo: a cessão a soberania política deveria trazer a liberdade, o progresso e a unidade ao continente. O otimismo dos primeiros anos, enfrentou muitas dificuldades, tanto políticos (golpes, guerras civis), quanto econômico - social (dívida, baixo desenvolvimento). Os Estados tentaram unirem-se e organizarem-se para superar problemas, mas dificuldades persistentes alimentaram o “afro-pessimismo”²⁶.

A Organização da Unidade Africana (OUA) foi criada em 25 de maio de 1963, em

Adis Abeba (Etiópia), como a primeira organização pan-africana que adota, nas primeiras resoluções, o apoio à luta dos movimentos de libertação contra o colonialismo português e ações contra o apartheid na África do Sul. A sua missão foi progressivamente alargada para áreas da paz, segurança e boa governação.

Em 2002, devido a inoperância da OUA, ela foi substituída pela União Africana (UA), lançada oficialmente em Durban (África do Sul). Os objetivos da nova organização estão enumerados no artigo 30 do Ato Constitutivo: a defesa da soberania, da integridade territorial e da independência dos seus Estados-membros; a aceleração da integração política e econômica no continente; e a promoção de princípios democráticos, boa governança, paz, segurança e estabilidade no continente (ECOSTEGUY, 2011).

Na África Ocidental, nenhum dos objetivos da UA foi posto em prática. A democracia era vista como solução para as instabilidades e fim de golpes como forma para chegar a mais alta magistratura da nação. Porém desde sua instauração, a região já passou por vários golpes de Estado ou tentativas de golpe, guerras civis e o assassinato de Presidente. Indubitavelmente, com esse histórico, a África Ocidental pode ser considerada uma das regiões menos estáveis do mundo.

No entanto, a democracia na África Ocidental estagnou-se, resultados de sucessivos golpes vividos durante muito tempo. A democracia se resume na realizações das eleições que os mandatos não chegam fim. Além disso, os resultados eleitorais africanos são anunciados pelos países ocidentais (Europa, Estados Unidos...), porque eles se consideram detentores de toda verdade ou seja sem eles a África não existe.

²⁶http://www.cndp.fr/fileadmin/user_upload/POUR_MEMOI-RE/1960_anneedelafrique/1960_annee_de_lafrique.pdf, acesso em 07/05/2014

Mesmo antes da independências das colônias portuguesas da África, Salazar dizia que “África não existe sem europeus”

Os líderes dos países da África Ocidental precisam redobrar esforços para consolidar a democracia na região e pôr fim gravíssimos entraves que estão dificultando desenvolvimento dos países da sub-região.

Referências

- ADEJUMOBI, Said. *Partis Politiques en Afrique de l'Ouest: Le défi de la démocratisation dans les États fragiles*. Internacional IDEA, 2007.
- AKINDÈS, Francis. *Racines des crises socio-politiques en Côte d'Ivoire et sens de l'histoire*. In : <http://www.codesria.org/IMG/pdf/1-cotedivoire.pdf>, acesso em 3/07/2013
- CISSE, Lossène. *La Problematique de l'État de Droit en Afrique de l'Ouest: Analyse comparée de la situation de Côte d'Ivoire, de la Mauritanie, du Liberia et de la Sierra Leone*, Thèse de Doctorat, Paris, 2009.
- ESCOSTEGUY, Pedro. *A nova arquitetura africana de paz e segurança: implicações para o multilateralismo e para as relações do Brasil com África*. Fundação Alexandre Gusmão, Brasília, 2011.
- ÉVORA, Roselma. *A abertura política e processo de transição democrática em Cabo-Verde*, dissertação de mestrado. Brasília, Universidade de Brasília, 2001.
- FLANARY, Rachel. “The State in África”: Implications for Democratic Reform”. *Crime Law and Social Change*, Vol. 29:2, 1998.
- GYMAH-BOADI, E. *Sociedade civil e desenvolvimento democrático em África*. In: FCG (Org.). *Globalização, Desenvolvimento e Equidade*. Lisboa, 2001.
- GUËYE, Babacar. *La Démocratie en Afrique : Succès et Résistances*, Pouvoirs – 129, 2009.
- MONTEIRO, António. *Costa do Marfim: um caso de ameaça à instabilidade regional e a segurança internacional*, In: http://www.ipri.pt/eventos/pdf/FLAD05_AMonteiro.pdf, acesso em 19/03/2014
- O'DONNELL, Guillermo. “Democracia Delagativa”. *Novos Estudos*, nº31, Outubro, 1991.
- PRZEWORKI, Adam. “Ama a incerteza e serás democrático”, *Revista Novos Estudos Cebrap*, nº 9, junho, 1984
- Rapport Afrique N°190 – 17 août 2012. *Au-delà des luttes de pouvoir : que faire face au coup d'État et à la transition en Guinée-Bissau*.
- SAID, Adejumobi. *Partis Politiques en Afrique de l'Ouest: le défi de la démocratisation dans les États fragils*. IDEA, 2007.
- SOURÉ, Issaka. *Guerres et civiles et Coups d'État en Afrique de l'Ouest : comprendre les causes et identifier les solutions possibles*, Paris L'Harmattan, 2007.
- TOLENTINO, C. André. *Subdesenvolvimento e Democracia na África*. In: *Ciclo de Debates: Direitos Humanos, Cidadania e Democracia*. Praia, Cabo-Verde, Nov. 1997.
- WEFFORT, Francisco. “Incertezas da Transição Democrática na América Latina”. *Lua Nova*, nº 16, março 1989, pp. 5-45.
- http://www.youtube.com/watch?v=_O-obP3r6Hw&list=PL529C0766FBF55DBC, acesso em 04/03/2014
- <http://www.youtube.com/watch?v=ktYl7fwT498#aid=P8Rmz2WrQrw>, acesso em 11/03/2014
- <http://www.france24.com/fr/20101228-ecomog-bras-arme-cedeao-cote-ivoire-nigeria/>, acesso em 16/03/2014
- http://www.sierra-leone.org/Ahmad_Tejan_Kabbah.html, acesso em 17/03/2014
- <http://bandnewstv.band.uol.com.br/noticias/conteudo.asp?ID=706887>, acesso em 17/03/2014
- Eleições na Guiné Conacri, In: <http://pt.euronews.com/tag/guine-conacri/>, acesso em 20/03/2014
- <http://www.dw.de/golpe-de-estado-no-mali-foi-h%C3%A1-um-ano/a-16686910>, acesso em 20/03/2014